

RECENTES MASSACRES EM M'OÇAMBIQUE

ABRIL DE 1974

**RELATORIO
DOS
MISSIONARIOS
DE
INHAMINGA**



- Na mesma altura em que o povo de Portugal saiu para as ruas vitoriando a sua libertação pela queda do fascismo, chega a Lisboa a notícia dos massacres de Inhamitanga em Moçambique, ocorridos dias antes, e que tudo leva a crer não terem sido interrompidos. São conhecidos os relatos de Wyriamu, Mocumburo, entre outros, mas quantos não terão ficado no silêncio? ..

e Porque é importante não nos fixarmos numa rejeição cega e indiscriminada da violência, acrescentaremos ao relato dos massacres de Inhamitanga, extractos de um artigo publicado no «Diário de Lisboa» de 12-5-1974. Este artigo foi elaborado a partir de declarações do superior da Missão de Inhamitanga, Padre José Martens, holandês, que aí esteve durante 12 anos e regressou de Moçambique em 26 de Abril.

- As declarações deste missionário confirmam bem a firmeza da luta que o povo de Moçambique vem desenvolvendo há longos anos. Torna-se nítido como a FRELIMO é a organização do povo que luta contra a opressão, ela é o próprio povo em luta.

e Por isso os colonialistas, que vivem do trabalho e do sofrimento do povo, se vêm obrigados a recorrer aos crimes que aqui são relatados. Não podemos aceitar que o exército português, que se apresenta como libertador do povo de Portugal, continue em África como tropa de ocupação e opressão,

e Como também não podem, os que querem ser solidários com o povo de Moçambique que luta contra a opressão, acreditar nos «lobos com pele de cordeiro» que agora falam no «unidade de todos os moçambicanos » numa «solução livremente plebiscitada», etc.

A estes, os Movimentos de Libertação (FRELIMO, MPLA, PAIGC), que são a voz de um povo em luta, respondem: não aceitamos qualquer negociação, sem que os portugueses, previamente, reconheçam o nosso direito à independência; não estamos a lutar contra os brancos mas sim contra os que exploram o nosso povo e com esses não há unidade possível; não aceitamos o exército português como «árbitro» do nosso futuro; continuaremos a nossa luta até à vitória final

- Ler este texto e divu Igá-Io, não basta!

Temos de apoiar, por todos os meios ao nosso alcance, as exigências dos Movimentos de Libertação, porque elas são justas. Enquanto a guerra não acabar os massacres vão continuar e cada vez hão-de morrer mais soldados, é preciso denunciar os que, com desprezo pela vida dos Africanos e dos soldados portugueses, mantêm uma guerra de opressão.

EU VI INHAMINGA

Há centenas de Wiriamus em Moçambique e desde Janeiro a Março foram massacradas umas quinhentQ\$ pessoas em Inhaminga. Isto afirmou-nos o padre holandês José Marfens, superior da missão de Inhaminga, que se viu obrigado a abandonar a Africa para testemunhar o que viu e ouviu.

«Quinhentos é o meu c61culo - precisou - mas os negros fala-m de milhares». Saído de M09Qmbique em 26 de Abril, a sua voz ainda vem marcada pelos gritos dos fortuna.dos, pelo medo de 35 mil pessoas fllgidas poro o mato.

OS PRINCIPAIS CULPADOS

Culpados? Pois há culpados, aqueles que são responsáveis pelas circunstâncias em que o povo e os soldados se encontram. «*OS soldados são os nossos soldados, - diz-nos o padre Martens - rapazes normais com família que amam, noivas para casar, juventude para viver. Todos nós temos culpa daquilo, como povo inteiro que não evitou a guerra. O que é triste é que apenas meia d'zia de cristãos e marxistas tenham conseguido ver isto a tempo. Os verdadeiros culpados dos massacres são os exploradores do trabalho africano, os maníacos das glórias pátrias, os bispos que sabiam e não quiseram falar, os brancos que não querem perder privilégios e também aqueles comandantes militares e chefes de posto que, mal chegados a África, se julgam deusinhoe com direito de vida e de morte sobre os negros. Os principais culpados não são os soldadinhos que executam ordens ou actuam debaixo do medo e do terror, são os pules e todos aqueles que actuam a frio.*»

ACÇÃO PSICOLÓGICA DA FRELIMO

Os primeiros ataques em força da Frelimo ao quartel de Inhaminga deram-se em 23 de Janeiro, mas já nesse mês vários comboios da Trans Zambebian Rallways (TZR) tinham sido atingidos e, desde fins de Julho, diversas acções armadas haviam sido conduzidas pelos guerrilheiros contra objectivos estratégicos. As prisões e torturas foram a resposta sobre a população. Mas a Frelimo já estava na zona desde os fins de 1970, num persistente trabalho de mentalização. Pelo menos desde que, nesta data, o governo fez conhecer o projecto de alargamento do Parque da Gorongosa, o que implicaria o desalojamento compulsivo de muitas aldeias de africanos. Militantes da Frelimo, alguns deles oriundos desta região, infiltraram-se entre os descontentes explorando a sua revolta. E assim a revolta alastrou do Parque da Gorongosa para o Norte, até à linha férrea internacional da Trans-Zambebian-Railways, onde se situa o centro ferroviário de Inhamínga, vila com uma população de oito mil africanos e 1100 europeus, num concelho com cerca de 45 mil habitantes.

O missionário descreve-nos os métodos psicológicos da Frelimo para cativar o povo, de resto facilitados, porque - diz-nos - *A Frelimo é do povo, é o próprio povo*. Há episódios desta táctica psicológica realmente interessantes. Outro missionário contou-nos alguns.

Um dia entraram dois moços na loja numa aldeia do mato e, enquanto o empregado negro lhes servia duas cervejas, travou-se este simples diálogo:

- *Olá sabes o que é a Frelimo?*
- *Já ouvi mais ou menos, mas não sei bem.* - respondeu o moço.
- *Olha, a Frelimo somos nós! E agora vai dizer ao teu patrão que a Frelimo passou aqui!*

Dito isto, swriram-se no mato, mas na mesma tarde já toda a gente sabia que a Frelimo estava na aldeia.

Ao fim de três anos de mentalização política e reivindicativa, toda a zona de Inhamínga está completamente infiltrada pela Frelimo, a qual se apresenta ao povo como um movimento de libertação.

CONDIÇÕES DE EXPLORAÇÃO

As condições de exploração dos africanos eram terreno fácil para os militantes da Frelimo e, por isso, o sucesso do movimento estava há muito assegurado.

Os 400 quilómetros de linha férrea da TZR foram construídos com sangue negro, há Cinquenta anos. Os salários dos trabalhadores das serrações e da TZR não passavam de 180\$00 por mês, antes da eclosão da guerra. Nas serrações de Cheringoma, uma das zonas mais ricas de toda a África em madeiras preciosas, os negros trabalhavam, vestidos com um saco enfiado, e partiam das aldeias às 4 horas da manhã em camiões apinhados. O imposto de palhota era de 290\$00 por ano, sob pena de trabalho forçado para os que se desleixassem no pagamento. Embora suspenso o trabalho forçado em 1961, a verdade é que os administradores continuam a usar de todas as arbitrariedades para arregimentarem trabalhadores, à custa de uma comissão paga pelos fazendeiros e donos das serrações. O missionário contou-nos, a este respeito, uma história recente:

Há duas semanas, apresentaram-se à porta do posto dois moços africanos pedindo certidão de nascimento para tirarem o bilhete de identidade. Mas, como não tinham em dia o pagamento do imposto de domicílio (cerca de 300\$00), o chefe de posto mandou-os trabalhar para a serração. Com todo o requinte acrescentou. «Já agora, primeiro que tudo, vocês vão ali encher-me o tanque de água!» E os rapazes não tiveram outro remédio, mas pôde-se imaginar a revolta que sentiram!

Não longe de Inhaminga, a Sena Sugar arregimentou 30 mil negros para trabalharem nas plantações do açúcar, em circunstâncias tais que, durante o ano de 1973 e apesar da repressão, os trabalhadores desencadearam quatro greves importantes. Os de Inhaminga não foram arregimentados desta feita, mas estavam sujeitos ao mesmo.

Os negros nunca esquecerão terem sido espoliados das terras que os missionários ensinaram a cultivar (a partir de 1957). Depois das terras preparadas, os brancos iam à administração e conseguiam facilmente dois ou três mil hectares, abrangendo terras já arroteadas pelos negros. (Grande parte destes negros eram empregados da TZR que tinham fora da vila as suas pequenas plantações),

A FRELIMO E OS BRANCOS

Nestas circunstâncias, foi fácil à Frelimo apresentar-se como libertadora da opressão. Todo o trabalho político precede a acção armada, e esta só se revela quando a população se mentalizou. Os próprios negros dizem que a Frelimo ainda não fez ir pelos ares os cabos eléctricos e as condutas de água da cidade da Beira porque não tem pressa nem preparou ainda a população negra.

De resto - insistem os homens da FreUmo - há em Moçambique muitos brancos que não terão de sair, por que não são culpados dos crimes contra os negros. Mas os pides, os patrões das serrações, os bispos comprometidos, os fazendeiros exploradores e toda a gente que roubou não tem outra coisa a fazer senão partir. Os militantes da FreUmo dizem assim ao povo: «Moçambique é grande e tem riqueza para todos, os brancos não precisam de sair, mas nós faremos a escolha».

A escolha já começou: salvo alguns enganos (como a morte daquele maquinista do comboio da Beira, cuja morte consternou os negros de Inhaminga) os atentados dos guerrilheiros atingiram apenas os brancos exploradores, os denunciadores, os que têm amantes negras e mesmo alguns régulos que, depois de avisados, persistem em colaborar com as tropas Portuguesas.

RELATÓRIO DE INHAMINGA

Publicamos em seguida as partes mais importantes de um extenso relatório elaborado pela equipa missionária de Inhaminga. Esta equipa era constituída pelos padres José Martens (superior da missão, 12 anos de actividade na zona), António Verdaasdonk, João Mateus Van Rijen e pelos irmãos André Van Kampen e João Tiel emans, todos holandeses, da Congregação dos Sagrados Corações (Picpus).

Inhaminga fica a cerca de 200km da Beira e é um centro ferroviário. Na zona vivem cerca de 45000 habitantes, sendo os europeus pouco mais de 1 milhar. 35 000 destas pessoas vivem hoje refugiadas no mato...

RELATÓRIO DE INHAMINGA (MEMORANDO DE 4 DE MAIO DE 1974)

I - Observações preliminares

1. Os abaixo assinados deste Memorando declaram que os seguintes acontecimentos estão anotados conforme a verdade.
2. A fim de não pôr em risco a vida dos Africanos citados neste Memorando, os seus nomes foram substituídos por outros; estes nomes estão sublinhados neste Memorando. Os nomes autênticos estão escritos e conservados em arquivo confidencial da Congregação dos Sagrados Corações em Bavel (Holanda).
3. O seguinte Memorando é extraído de um diário acerca dos principais acontecimentos que tiveram lugar no período Agosto de 1973-Março de 1974 em e em redor de Inhaminga, diário no qual tinha sido anotado tudo a medida que os acontecimentos se desenrolavam.
4. Este Memorando descreve os acontecimentos ressumidamente e tem em atenção principalmente as prisões, as torturas e os massacres.
5. Podemos determinar com bastante exactidão o lugar perto de Inhaminga onde se encontram as valas comuns em que foram enterrados os mortos em massa.
6. Declaramos expressamente que existe o lugar de Inhaminga. Isto para o caso de, depois de publicados os massacres, o nome de Inhaminga - como o de Wiryamu em 1973- vir a ser negado.
7. Estamos dispostos a testemunhar diante de todos e de cada um em particular, porque deste modo somos ainda capazes de servir o nosso povo como missionários; pela limitação drástica da liberdade de movimentos, o nosso trabalho em Inhaminga tornou-se inteiramente impossível.
8. Nós, missionários, esperamos que estes acontecimentos, descritos e anotados segundo a verdade, sejam publicados com a maior amplitude possível para que, pela sua publicação e pelos protestos que suscitem, possam evitar-se futuros massacres e práticas desumanas em Moçambique.
9. Não sentimos necessidade de provocar sensação, simplesmente achamo-nos na obrigação de consciência de falar, tanto mais que é claro terem as autoridades eclesiásticas de Moçambique omitido até hoje a denúncia pública destas e outras injustiças para com o povo africano.
10. Finalmente esperamos que, por falarmos, isso não acarrete, em maior número, perseguições e mortes a Africanos.

II- Acontecimentos e declarações

Fim de Julho de 1973: recebemos a primeira notícia dum ataque da FRELIMO ao exército português a uma distância de 45 km de Inhamitanga, junto do cruzamento Mazamba-Gorongoma e dum desvio para uma escola do mato em Namusol, em que houve dois feridos entre os do exército português.

O exército começa a fazer pressão sobre a população. Há rusgas nas casas, interrogatórios; o chefe da povoação é mal tratado, suspenso pelos pés de uma árvore durante o interrogatório; em seguida é transportado pela DGS para a Beira; a fuga dos Africanos; principalmente dos mais jovens - num só dia 14 rapazes de Namusol fogem para o mato para a FRELIMO; devido ao que aconteceu.

16 de Agosto de 1973: A FRELIMO em Massandza, ataca dois camiões do exército com soldados portugueses; há três feridos da parte do exército português.

Uma mulher e uma criança que, por acaso, voltavam da moagem e fugiam ao ver os soldados, são mortas a tiro. Os cadáveres são levados e enterrados no terreno do quartel de Inhamitanga.

Além disso 6 homens, entre os quais () professor de escola da missão, *Carlito Chapa* são presos e levados para um interrogatório.

28 de Agosto de 1973: João Tielens é chamado ao edifício da DGS na Beira. Interrogatório acerca da FRELIMO; acerca das suas actividades, de lavoura entre a população africana; acerca do encerramento da missão de Lundo fim de Março de 1973; acerca da posse de documentos a respeito dos massacres em Wiriya. - Não passa dum interrogatório.

Setembro-Novembro de 1973: Tudo fica tranquilo na região com excepção de alguns pequenos incidentes. Chegam-nos cada vez mais notícias do mato acerca da formação de elementos para o movimento de libertação e acerca da mentalização do povo pela FRELIMO. Os portugueses encontram oposição quanto ao levantamento dos chamados aldeamentos,

12 de Dezembro de 1973: O pessoal africano, 18 pessoas no seu conjunto, da bomba de água da TZR (Trans Zambeziense Railway), junto do rio Mazamba, das bombas de Namatope e de Muanza, transferido para Inhamitanga nos fins de Novembro, é transportado para a Beira sem a mínima explicação. Nasce um grande medo entre o outro pessoal da TZR. Ainda mais pessoal é transportado para a Beira posteriormente.

31 de Dezembro de 1973: A FRELIMO faz explodir as bombas acima referidas (cfr. 12-12-1973) num comboio faz rebentar uma carga explosiva perto de Namatope: um outro comboio é atacado. - Nasce um grande pânico entre os brancos.

3 de Janeiro de 1974: A FRELIMO ataca a bomba de água da Administração de Inhamitanga,

O exército prende várias pessoas dos arredores, como *Rocha Nhampoca, Nham Vaz, José Cheka*, etc., para interrogatórios. São torturados pelos DGS. Entretanto a DGS estabeleceu-se definitivamente em Inhamitanga. Os seguintes agentes da DGS são-nos conhecidos por estes nomes: Pepe, Afonso, Libertino, Carneiro.

5 de Janeiro de 1974: O superior da missão, Pe. José Martens, é chamado pela DGS. Antes do interrogatório consegue falar com o chefe de Massandza que está preso. Este declara que está a sofrer horrivelmente. O Padre José ouve também os gritos de terror de mulheres que estão a ser torturadas nas traseiras da esquadra da polícia. Quando o chefe da polícia, o sr. Gorgulho, se apercebe da presença do missionário, manda alguém com ordem de interromper as torturas.

AS TORTURAS

Os sofrimentos da população de Inhaminga começaram no final de Julho de 1973, como em pormenor se descreve no relatório dos missionários.

O padre Martens recorda: *eu vi o terror de Inhaminga. Era varrer nas lojas, nas aldeias. Era a plde, eram os soldados, eram os milfcias, eram Os sipaios. As duas prisões foram-se enchendo de suspeitos, mas a Pide não conseguiu prender um único guerrilheiro porque o povo nunca o denuncia nem mesmo debaixo de tortura.*

Não conseguindo pistas através dos adultos torturados, a Pide prende crianças de sete e oito anos que também são torturadas e fornecem indicações. Um dos métodos de tortura baseia-se em choques eléctricos aplicados nos ouvidos e noutros pontos sensíveis com uma máquina inventada pelo caçador Faria, conhecido como informador da Pide. Mas em muitos casos, reforça-se mesmo a resistência dos torturados, para quem a morte é semente de libertação do povo inteiro. Um rapaz de 14 anos, liberto das torturas - disse-nos o padre como exemplo - chega à aldeia e declara: «agora nunca mais tenho medo dos mzungos».

Por seu lado, a população branca estimulada pelas recentes manifestações da Beira, pressiona as autoridades a tomar medidas cada vez mais drásticas: exigem a expulsão dos padres, blindagem dos comboios, helicópteros para acompanharem as formações ferroviárias, limpeza da zona. O pessoal branco da TZR entra em greve, a população é compelida a residir na vila sem poder sair para as plantações.

Fora dos limites da vila, fugidos no mato estão mais de 35 mil negros e tudo o que mexe é abatido (são ordens oficiais). Mas também nos disse o padre Martens que toda a gente simpatiza com a Frelimo, que as aldeias estão todas minadas pela sua mentalização, até ao Dando, a 30km da Beira. Impressionante aparelho militar e de repressão poliQ~1 (mais de 1500homens), mas o que os negros mais temem é a população branca.

O ESPÍRITO DOS MISSIONÁRIOS

Finalmente em 19 de Março, os missionários retiram, como já tinham feito sessenta padres da Beira, 11 de Nampula, 30 de Tete, e antecipando-se a outras equipas missionárias que se preparam para sair de Moçambique. Porquê? Porque são amigos dos negros e por isso suspeitos das autoridades, porque estas os isolam do povo, porque não querem mais sujeitar-se aos compromissos impostos por um sistema de missão apoiado no colonialismo do Acordo Missionário. Voltarão mo dia? O padre Martens não duvida, mas adianta que o missionário já não volta a ser o que foi até agora, há toda uma reformulação a fazer do papel da igreja na sociedade nova de Moçambique. «Há excepções, deixámos lá alguns amigos» - diz-nos o padre Martens,

Uma última palavra de compreensão: *Vai ser preciso muito tempo e muito esforço dos portugueses para recuperar os soldados intervenientes nos massacres. É um trabalho que Portugal tem de começar imediatamente, colhendo a lição de outras guerras coloniais.*

(Transcrito do «Diário de Lisboa», 12-5-74)

13 de Janeiro de 1974: Na medida em que as actividades da FRELIMO vão aumentando são presos e interrogados cada vez mais africanos. Deste modo os africanos encontram sempre maiores dificuldades.

O processo dos interrogatórios torna-se cada vez mais refinado pelo uso de um aparelho com o qual se dão choques eléctricos às vítimas nos sítios mais sensíveis do corpo: ouvidos, cabeça, seios, etc.; pelos espancamentos com cintos, paus, matracas de borracha, até as pessoas caírem feridas e sem sentidos; por písaduras das mãos e dos pés. Há presos tombados pelo espancamento e também por pontapés em outras partes do corpo.

21 de Janeiro de 1974: Várias crianças - entre outras *Tembo Lole*, de oito anos e meio - são presas e interrogadas por agentes da DGS a fim de chegarem a saber se os pais dão alimentação aos guerrilheiros e se os guerrilheiros já estiveram em suas casas.

○ método de extorquir afirmações que contenham acusação por meio de choques eléctricos é aplicado também a estas crianças.

Um rapaz de cerca de 14 anos disse, depois de ter sofrido um tal tratamento: «Doravante já não tenho medo dos brancos».

23 de Janeiro de 1974: A FRELIMO ataca o quartel de Inhamínga. O exército não consegue apanhar nenhum dos atacantes.

Quando, de madrugada, às 5.30 horas, passam dois Africanos pelo quartel a caminho do trabalho, são mortos a tiro, à queima-roupa. São eles: Creva, ajudante de pedreiro que trabalha por conta do fiscal da madeira da vila e Catemo, pintor da TZR. .'

Os cadáveres dos dois Africanos abatidos ficam expostos durante muito tempo a fim de convencer a população branca de que o exército se esforça e para servir de aviso aos Africanos. .

Gera-se um estado de pânico entre os brancos, que querem virar-se contra a missão e pretendem destruir a bomba de água da missão; isto pôde ser evitado com o argumento de que muitas famílias de Inhamínga ficariam então privadas de água potável. O Governador da Beira, imediatamente depois do ataque ao quartel de Inhamínga pela FRELIMO, chegou à vila e o povo branco pede-lhe que tome medidas contra os missionários. A população branca apresenta as seguintes acusações: a missão é um ponto de apoio para os guerrilheiros; estes escondem-se lá; lá se encontram depósitos de armas e munições; um guerrilheiro ferido é lá tratado. Segue-se uma busca à casa. Depois de, revistados minuciosamente todos os edifícios durante três horas, nada se encontra que possa comprometer os missionários. Na casinha da viúva *MBEMBA Chale*, que se encontra no terreno da missão, acham-se peças da farda de seu filho *Adolfo Rertco*, que há pouco acabou a tropa. Levam-no e sujeitam-no a longos interrogatórios. É posto em liberdade a 26 de Janeiro de 1974.

26 de Janeiro de 1974: O Pe. José Martens é chamado pelo Administrador de Inhamínga que o notifica de que os missionários já não podem sair da parte urbanizada da vila. Praticamente isto significa prisão domiciliária.

28 de Janeiro de 1974: *Nhamataka Miti*, de 18 anos de idade, que esteve preso durante cinco dias por ter sido encontrado a conversar com dois outros rapazes numa loja, foi posto em liberdade. Vem à 'missão para pedir tratamento de um dedo cuja unha foi arrancada, e de outras feridas que lhe infligiram.

6 de Fevereiro de 1974: O Pe. José Martens teve na Beira, uma conversa com o Administrador Apostólico da diocese, D. Francisco Nun & Teixeira" a quem relata novamente tudo o que se passa na missão de Inhamínga. Depois o Padre dirige-se, juntamente com o Vigário Geral da diocese, Padre José de Sousa, ao Governador do distrito a fim de protestar contra os maus tratos infligidos à população africana pelos brancos e pela NAS. Tudo sem o mínimo resultado.

7 de Fevereiro de 1974: Uma patrulha do exército vê, junto das lojas de Cundue, fugir alguns homens que são tidos por guerrilheiros. Ao persegui-los os soldados vêem um homem, guarda de um armazém de madeiras perto da estação, sentado diante da palhota, *Zeca Thembo*, juntamente com a mulher *Farença Thembo*, sua cunhada *Flora Thembo*, e os filhos *Carlos*, *Rita*, *tcuta* e *Chana*.

O homem apanha um tiro no braço, a mulher é morta, a cunhada foge com um tiro na perna.

Os soldados levam o homem ferido e a mulher morta para dentro da palhota que incendeiam. Quando o homem tenta escapar através duma tábuia arrancada é descoberto de novo pelos soldados e estes disparam-lhe um tiro no lado direito do peito e espancam-no até o deixarem meio morto. Não lhe dão o golpe de misericórdia porque pensam que já está morto. Os soldados retiram-se, mas algumas pessoas dos arredores salvam o homem que é transportado para o hospital de Inhamínga.

9 de Fevereiro de 1974: O director da fábrica de cimento de Nova Maceira, engenheiro Góis, durante uma visita à pedreira de Muenza, vê lá os cadáveres de 12 africanos mortos por soldados brancos e que estão expostos para meter medo aos nativos. O engenheiro Góis fica também a saber que no mato, atrás da pedreira, um número terrivelmente elevado de pessoas teria sido assassinado pelo exército e pela guarda civil (OPV). Fala-se em mais de 3000 mortos. O engenheiro Góis faz ver ao senhor Jacinto, responsável português pela pedreira, que isto assim não pode continuar.

10 de Fevereiro de 1974: O senhor Jacinto e a sua mulher são mortalmente alvejados pelos guerrilheiros. Dois militares, que vão atrás na mesma viatura, ficam feridos.

12 de Fevereiro de 1974: O chefe Souca, Chico Romão, é preso juntamente com alguns outros homens e interrogado, com as costumadas torturas, porque se acha suspeito que até agora nada de especial tenha acontecido na sua aldeia.

Durante o interrogatório o chefe perde os sentidos. Exigem dele que mande o seu povo para os aldeamentos. *Luis Nhaouta*, um africano que tinha uma progressiva lavoura também na região de Souca, é chamado e interrogado. Exigem dele que abandone a sua casa e os seus campos no espaço de sete dias.

13 de Fevereiro de 1974: Três operários da serração do José Mendonça Teixeira são alvejados, a caminho de casa, por soldados que estão dentro de um comboio. Um fica ferido na cabeça e um outro num braço.

14 de Fevereiro de 1974: *Catarina Bramo*, a mulher de *Ren (JOCharençi)*, que reside junto do campo de aviação, é violada por dois soldados quando se encontra sozinha em casa.

16 de Fevereiro de 1974: Dois camiões carregados de homens, mulheres e crianças de Matondo e Cherimadzi são levados para o quartel de Inhamínga. Todos são interrogados: as mulheres podem regressar a casa, a pé, no dia 17 de Fevereiro; os homens têm de ficar.

17 de Fevereiro de 1974: Todas as casas e palhotas em Tutu são incendiadas pelo exército. As pessoas fogem, sem poder salvar nada dos seus haveres.

18 de Fevereiro de 1974: Sabemos na Administração que os chefes de Nhaminga, Shiquire, Nhansol, Muanandimai, Goinha, Nhatadza e de toda a zona da Goronga desapareceram. Supõe-se que fugiram para a FRELIMO com toda a sua gente. Trata-se de mais de 12000 pessoas que se internaram no mato.

A DGS de Inhamínga quer desfazer-se de uma parte dos presos que se amontoaram na prisão do exército e na da DGS durante as últimas semanas. Segundo uma estimativa, 35 africanos, entre os quais os presos do dia 16 de Fevereiro de Matondo e Cherimadzi, são metidos num camião e transportados para um sítio no mato à beira do caminho que passa por detrás do hospital de Inhamínga na direcção de Thombo la ~phale e Massanciza, enquanto um buldozer procura um caminho na mesma direcção passando pelo campo de aviação. Naquele sítio é aberta uma grande vala pelo buldozer e dentro dela são fuzilados e soterrados os homens. O transporte, a deslocação do buldozer e o fuzilamento são executados pelos soldados do exército.

20 de Fevereiro de 1974: De novo são transportados uns 30 homens num camião na direcção de Massandza e Thombo Ia Mphale, a fim de lá serem mortos também. Tudo se passa como da primeira vez. Entre eles se encontram homens e rapazes oriundos de Inhaminga, Muanza, Massandza, Mbawa, Codze, Nhamabera, etc.

23 de Fevereiro de 1974: Outra vez sai um camião, transportando pelo menos 48 pessoas, para o mesmo sítio no mato, atrás do Pital, entre os caminhos para Massandza e, Thombo Ia Mphale. Os presos são fuzilados. Uma companhia de comando vem reforçar a força do exército e põe as suas tendas junto da estação de caminho de ferro de Inhaminga, 27km ao norte de Inhaminga, a partir donde começa as suas operações entre a população africana.

Deste modo a força total do exército cresce até aos 1500 homens, entre forças do exército normal (400 homens), paraquedistas (240 homens), comandos (120 homens), guarda civil (80 homens) e as milícias (650 homens), tudo isto pelo bem de 1100 brancos e controle de 45 000 africanos.

2 de Março de 1974: Através dum intermediário que trabalha na Administração conseguimos saber, com muita dificuldade, os nomes de algumas pessoas que foram mortas nos fuzilamentos que continuam a repetir-se ainda no mato.

Entre eles se encontram: o nosso professor de Dimba, Lwanga Manuel Chombe. Mais: Luís Vontade e dois filhos; José Chidanga, filho do régulo morto antes dele; Jone Sampaio; o régulo Santove; Manuel Penga; Jorge Maio; Chale Nkalamu; Nicolau Alfândega; José Candeado; Sande Nensa. Além destes os homens que antes disso tinham sido transportados do Dondo e de Mafambisse para Inhaminga.

7 de Março de 1974: De manhã cedo, o povo branco dirige-se ao quartel dos paraquedistas para vir admirar cinco guerrilheiros mortos e dois presos e as suas armas numa euforia vitoriosa.

As 11.30 horas os civis oferecem um almoço aos vencedores e às suas autoridades.

O régulo Pangacha é tirado da prisão da DGS para identificar os mortos e os vivos. Não quer dizer os nomes apesar de ter aos pés, entre os mortos, dois dos seus filhos, Domingos Moisés Pangacha e Marcos Moisés Pangacha.

Também a sua filha já casada, Bastiana Moisés Pangacha, que levava todos os dias alimento a seu pai, foi trazida de casa para identificar os corpos. Ignorando que o pai se recusara a fazê-lo, ela, reconhece os seus dois irmãos, dá os seus nomes a conhecer.

A seguir também ela é presa e posteriormente fuzilada. Juntamente com seu pai, os dois guerrilheiros sobreviventes e mais alguns outros presos. O régulo Pangacha, embora ferido mas ainda vivo, é soterrado na vala comum.

7-10 de Março de 1974: Operações militares são executadas na região onde estão situadas as aldeias do régulo Pangacha, isto é, Nhamatope, Massandza, Ntolo, Nhamabere, Nhaduwe, Mphepo. Forças da terra e do ar, com helicópteros e bombardeiros, tomaram parte da operação.

É assaltado, mas com pouco êxito, um acampamento de guerrilheiros; são incendiadas, sim, muitas palhotas. Grande parte do povo consegue fugir para o mato, outros são assassinados. Poucos são levados prisioneiros para Inhaminga.

Nos bombardeamentos usa-se napalm.

15 de Março de 1974: Mais uma vez, sai um camião cheio de presos para o lugar já conhecido, para lá serem assassinados da mesma maneira.

19 de Março de 1974: Mandámos vir da Beira avionetas para pôr em segurança as irmãs e alguns Africanos da missão.

Nós próprios partimos na última avioneta.

Antes de partirmos aparecem na missão o chefe da polícia, o sr. Gorgulho; o comandante dos milícias, o sr. Teixeira; dois informadores da DGS, os srs. Maria e Costa Silva; e um pequeno grupo de cipaios e milícias, que provavelmente nos querem «proteger».

Enquanto esperamos pela avioneta passam ainda três camiões cheios de homens e rapazes, a caminho da prisão da DGS, distanciada uns 700 metros da pista.

Fim de Março-Abril de 1974: Durante a nossa estadia na missão do Dondo, aguardando a partida para a Holanda, ainda ouvimos que:

- Foram assassinadas as seguintes pessoas de Inhaminga: os dois irmãos Jorge e Quéu António Sapatiro; os dois irmãos Manuel e Lourenço Espanhol; Francisco Salis; Albino, o fiscal dos 'contadores da água da Administração e. Vontade, trabalhador dos caminhos de ferro.

- No princípio da Semana Santa, um grupo de paraquedistas perseguiu o povo que tinha fugido de Muanza em direcção à serração de Chínapamímba e de Shinadzi wa. Foram assassinados todos os homens e rapazes; as mulheres e crianças foram levadas para Muallza. O Comandante zangou-se com os soldados, pois achava que também aquelas deviam ter sido mortas. As mulheres e crianças foram levadas para o Dondo.

- O Vigário Geral da diocese da Beira, Padre José de Sousa, verifica, durante a sua visita a Inhaminga em 19 a 22 de Abril, que nada tinha mudado na horrorosa situação: continuava-se a matar e a prender.

A população que fugiu é avaliada em 35000 pessoas: gente, portanto, que procura de todas as maneiras uma saída.

- No mês de Abril uma das altas patentes militares de Nampula visita os túmulos já mencionados: verifica que, sob a influência das Chuvas, a terra que cobria os corpos tinha começado a subir.

- Muitos militares exprimiram o seu horror perante as repugnantes condições dos camiões que voltam das execuções, sujos de urina e fezes. Conscientes do que vai acontecer, os presos, na sua agonia, perdem todo o controle sobre as funções físicas.

«NAO PODEMOS FALAR AQUI»

Em 16 de Março de 1974, o superior da missão, Pe. José Martens, regressa dum visita às outras missões, de avião. Em Inhaminga discute a situação com o Pe. António Verdaasdonk e os irmãos André van Kampen e João Tielemans.

A tarde, entra em contacto com as irmãs africanas, naturais da Rodésia, que também trabalham na missão de Inhaminga, para lhes pedir opinião. A seguir há uma reunião dos missionários e missionárias, na qual se chega à decisão de que todos se retirarão de Inhaminga.

As razões são as seguintes:

- O Africano que sofre e morre já não tem voz para falar: por isso as injustiças que se lhe infligem devem ser publicamente denunciadas por nós.

- A Igreja oficial nada faz e envolve-se no silêncio, com excepção do bispo de Nampula, D. Manuel Vieira Pinto; por isso a Igreja tornou-se cúmplice do tratamento desumano do Africano aqui e noutros lugares.

- Nós, os missionários, não podemos falar aqui por falta de apoio das autoridades eclesásticas, de maneira que não há outra coisa a fazer senão levantar a voz fora das fronteiras de Moçambique.

- **Pela** muito pouca liberdade de movimento e por outras limitações que nos foram impostas, pelo medo dos africanos de entrar em contacto connosco tornando-se assim suspeitos, a nossa presença aqui em Moçambique perdeu todo o seu sentido.

- Os africanos sabem agora que já não podemos dar-lhes protecção. Por isso também já não a procuram junto de nós e não querem causar-nos ainda mais dificuldades.

- Também já não podemos fazer nenhum bem à população europeia, o que se manifestou claramente na sua hostilidade para connosco.

- Afinal abusa-se da nossa presença como Igreja e como sacerdotes, de uma maneira descarada, apenas para manifestações militaristas e patrióticas, cujo aparato religioso serve para encobrir actividades e acontecimentos criminosos.

Decide-se a partida de Inhaminga,

Isto é comunicado ao Administrador Apostólico da diocese, D. Francisco Nunes Teixeira, e ao Vigário Geral, Padre José António de Sousa que, conforme um convite feito já anteriormente, vieram a Inhaminga por causa da situação precária.

Assinam:

José (A.P.J.) Martens

António (A.) Verdaasdonk

João Mateus (J.M.) van Rijen

André (W.J.) van Kampen

João (J.H.M.) Tielemans

OBJECTIVOS DA LUTA DA "FRELIMO"

«A nossa luta é justa. Ela é parte da luta universal-dos povos contra a exploração do homem pelo homem. A nossa luta é contra o colonialismo português, contra o racismo, contra o imperialismo, contra o tribalismo e contra todas as formas de discriminação. Lutamos para vencer os nossos inimigos, para nossa libertação total, para libertação total de África e de todos os povos escravizados do mundo inteiro. Lutamos com a coragem tradicional e histórica que desde sempre caracterizou o nosso povo, O povo de Moçambique.»

*Emissão da eeVozta Frelimo»
recentemente escutada em Lourenço Marques*

CONTRA UMA BURGUESIA NACIONAL

«Quanto aos conhecimentos ministrados nas nossas escolas, eles são para servir todo o povo: nós não queremos criar uma elite que amanhã possa ser algo como a burguesia nacional de Moçambique.»

*De uma entrevista com Jorge Rebelo
- dirigente da FRELIMO*

«Ao longo dos anos de luta, e olhando para trás, os traidores foram os que tinham vindo à revolução com a ambição de se tomarem' amanhã os substitutos dos colonialistas portugueses. Foi por isto que a luta os rejeitou e eles se viram obrigados a voltar para o lado que lhes pertence,»

Extracto de um comunicado da FRELIMO

